PELOS BECOS DA VIDA E DA CIDADE DE GOIÁS

Jin Joel Momonuki
(UEG – Câmpus Inhumas)

À medida que vamos tomando posse do conhecimento transdisciplinar, os becos vão se alargando, uma vez que de estreitos eles passam a ser largos, abrindo novas possibilidades de pensar, sentir e agir. O pensamento vai tomando outra dimensão, uma dimensão que não era antes conhecida. Um novo tempo, uma nova história, uma nova experiência, uma nova vivência. Oxalá meu São Francisco de Assis!!!!

Entretanto, mesmo o novo pra encaixar em nos mesmo há que se passar pelo crivo de nossa história de vida, de como vemos, e esse olhar pode se ampliar um pouco mais, abarcando novos conceitos, admitindo novos olhares, provocando uma dilatação nas várias perspectivas das dimensões do ser humano.

Visitar a cidade de Goiás após esse contato transdisciplinar me fez olhar para essa cidade de uma forma diferente, aquela cidade que antes era vista como algo estático, de repente se enche de vida, vejo poesia nas formas, vejo a história nos desenhos arquitetônicos das construções.

Vejo vidas em vidas!!!!

Vejo cada detalhe como que a me contar um pouco de seu povo, não só o antigo e que já se foram, mas também os que ainda vivem que respiram e são produtos de toda uma movimentação social que os fez chegar até o presente momento.

Se antes andar por sobre essas pedras me parecia sacrifício por demais, agora ando observando quem sabe, os mesmos movimentos que outrora outra pessoa fizera e quiçá, fará no futuro que se lhe for à chance de lá estar.

Vejo as tabuletas e a imaginação corre longe... Visitando os pensamentos mais mundanos, porque de uma espreita noturna, sem ser visto, o que se poderia esperar? Mas, no entanto não é só isso, sinto a solidão, daquelas mulheres contidas, ali dentro, como presas. Afastadas ao contato mais próximo das pessoas, do afeto e do amor.

E assim vou construindo cada personagem da história de Cora com as minhas digitais, com o meu cheiro, com o meu entendimento. Que se fosse relatar daria uma nova história, completamente diferente de todas as outras. Porém autêntica, porque assim, só eu mesmo pra escrever. Só eu mesmo, pra sentir e pensar. Só eu mesmo: do fundo de minhas entranhas, arranco cada nota, cada sentimento, cada sensação tão minhas, tão meu dizer.

O tão mal tratado rio Vermelho, ainda luta, com seu filete de luz reluzente de águas parcas, porém cristalinas, sob o dourado do sol, aquiescendo vida aquática. Abrigando as mulas, as éguas e toda sorte de bichos que bebem de suas águas e ali vicejam. Testemunho do senhor dos tempos e que vez ou outra como um verdadeiro tsunami de águas doces pede o que é teu, cobrando o leito que lhe foi tomado.

O calor insuportável que ali faz, mesmo assim, me atrevo ao sacrifício para nas subidas e descidas, com as pernas bambas às vezes, sentir e ver o povo de Cora respirando, olhando. Ora as imponentes construções, com suas histórias fantásticas, ora construções curiosas, diferentes das modernas construções de hoje as quais sou tão afinado.

Ao mesmo tempo, traços e traçados de pés e de pedras, fora construída no umbigo do vale ao pé da Serra Dourada. Onde vento não corre, mas que mina ouro e pedras preciosas. E areias multicoloridas a encantar os estrangeiros nos quadros de areia. E no barro, do qual se exporta pra muito além do mar, dos oceanos.

Entrei no beco, percorri toda sua extensão, não somente com as pernas, mas primeiro com os olhos e com a alma atenta, pra que não me escapassem os detalhes. Pra que não me fugisse o que um olhar menos curioso poderia desaperceber-se. E foi assim que o retorno à cidade de Cora toma uma nova dimensão.

Uma experiência que só pode ser saboreada por quem se permitiu imergir na poesia forte de uma mulher muito além de seu tempo. Mal falada, prostituta, não sei, incompreendida talvez, mas que não fez dessas pedras um empecilho a mais para endurecer a vida mais do que já era.

Como não respirar, como não sentir toda a força e a pujança de alguém que transcendeu o tempo, fazendo-se mais viva do que outrora? Movimentando uma imensidão de pessoas, pois que toda cidade gira em torno dela. Se vida é movimento, Cora vive no mover de suas ideias, de seus versos, de sua poesia!

Como beco me pareceu acolhedor, aconchegante, nada de estreito, mas uma porta larga para uma dimensão muito além dos que vivem apenas sem saber ao que veio. E então, em não se sabendo, o beco o aprisiona, por maior que fossem suas dimensões físicas, porque, a dimensão, o tamanho, a liberdade cabe no Beco de Cora, mas também cabe em qualquer outro canto do mundo de igual forma.

É vida, é Cora, é Goiás de Cora, de Aninha da casa da ponte!